

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O SAMBA É CAPA DE REVISTA: ANALISANDO A PRESENÇA DA CULTURA POPULAR NA IMPRENSA CARIOCA (1906-1913)

Amaro Jose de Souza Neto

Graduado em História, UFRJ

amarosouzaneto@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a dois objetivos, duas análises que se convergem sobre um mesmo tema. Primeiro demonstrar brevemente de forma panorâmica, o aparecimento do samba na imprensa carioca das primeiras décadas do século XX. Posteriormente, de modo mais específico, será abordado a revista ilustrada de crítica e sátira *O Malho*, como um estudo de caso desses usos, pesquisando nas edições entre 1906 e 1915 a presença do termo. A hipótese consiste na grande presença de material disponível sobre o assunto, o que indica uma recorrência do samba nesse imaginário social que era veiculado pelos periódicos.

O principal acervo utilizado foi o disponibilizado pela Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, uma ampla base de arquivos na qual constam as mais variadas fontes para estudos. O crescimento dos arquivos digitais aparece como uma possibilidade complementar de pesquisa aos arquivos físicos, principalmente pela questão da acessibilidade do manejo e da organização das fontes, em que é permitido salvar cópias digitais dos arquivos que está se pesquisando para analisar de forma detalhada e específica.

Ao realizarmos uma consulta pelo termo samba entre os periódicos cariocas entre os anos 1900 e 1910 encontramos 1.722 ocorrências¹. Mesmo que dentre todos esses arquivos encontrados estejam alguns erros técnicos da própria plataforma de busca, que

¹ Disponível em Portal da Hemeroteca Digital
<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcamargo_14670.8197748.DocLstX&pasta=ano%20190&pesq=samba> Acesso em 15/03/21

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

acaba por englobar palavras parecidas com samba, ainda sim é um número considerável de aparições demonstrando essa presença do termo nos editoriais.

A metodologia teórica utilizada está fundamentada no campo da História Cultural, buscando apreender essas representações através de análises seriais para indicar certos padrões narrativos. O discurso que é encontrado nessas mídias, é fruto do que os jornais produziam e não o que os próprios atores desses grupos, os sambistas, entendiam como seus valores e características. São sempre indivíduos externos, cronistas, repórteres e curiosos que vão visitar grupos, locais e bairros específicos.

Entretanto, mesmo que não fossem produzidos pelos sambistas essas manchetes e reportagens nos dão uma ideia de como as mídias enxergavam esses grupos e como buscavam retratá-los. Ao fazer críticas externas e internas as nossas fontes, o que conseguimos apurar nas análises é justamente um espírito de senso comum da época, os assuntos e tendências, o que e de qual forma estava sendo comentado.

No início do século, a cidade do rio vivia um momento de intensas transformações urbanísticas e demográficas. Entre reformas, demolições e construções entravam em vigor projetos que desenhavam um ideal de cidade comercial e moderna, dentro de um molde referencial urbanístico europeu. Como Capital Federal, sua proximidade das instituições e eventos políticos dos governos fomentou o local a se tornar ao mesmo tempo palco de revoltas e crises enquanto um projeto de vitrine, de uma identidade nacional.

Essas primeiras décadas após a proclamação da Primeira República, foram marcadas por uma continuidade de poderes oligárquicos e com pouca participação popular nas decisões nos mandatos. Mesmo com a abolição da escravidão e a elaboração de uma nova constituição, de modo geral, o país permanecia inundado por uma desigualdade extrema, ao mesmo tempo que era possuidor de uma diversidade étnica e religiosa fruto dos contatos europeu, indígena e africano (SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio dos Santos, 2018). Esse contingente também é complexificado com uma série de migrações que ocorrem tanto internamente para a região sudeste, tanto de forma externa, em um novo fluxo de migrantes internacionais residentes europeus.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As primeiras gerações posteriores de escravizados libertados ou as dos seus filhos, netos e bisnetos, sofreram as consequências de serem mantidas a margem das políticas públicas de auxílio. Esses grupos que acabavam por subsistir com muito esforço eram controlados por mecanismos jurídicos excludentes, já um ano após a abolição no Código Criminal de 1890 surgem formas de coibir determinados grupos e práticas, em especial a definição das tipificações da vadiagem e da capoeira (BRASIL. Código Penal de 1890. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. CAPÍTULO XIII - DOS VADIOS E CAPOEIRAS Arts. 399 a Art.404) como contravenções foram as que mais acabaram por proibido o samba.

Essas práticas de controle de corpos já eram antigas, com a independência do Brasil e instaurado o Império com a Constituição de 1824², essas políticas se amparavam no Código Criminal criado seis anos mais tarde, que previa como crime especificamente a vadiagem nos Arts. 295, e o crime de mendicância no Arts 296³. A forma indireta de como era descrita a prática de vadiagem no artigo criminal abria precedentes, brechas legais, para que houvesse repressão física e simbólica a grupos já marginalizados. Isso acontecia numa cidade ainda colonial, afogada de imigrantes e recém-alforriados que começaria a tomar os moldes urbanos em poucas décadas.

O SAMBA E A CIDADE

A capoeira e o samba eram práticas próximas, possuíam participantes paralelos em seus grupos. As rodas de batucadas têm origem secular na nossa história marcada pela escravidão, nasce nos cantos laborais das lavouras, colhe das heranças milenares africanas boa parte de seus fundamentos. Essas práticas se espalharam pelo país em diversas formas e nomes, com algumas diferenciações, entre as que migraram com maior força para o Sudeste e influenciam a formação de um novo estilo de samba pode-se citar: o Partido-Alto, O Maxixe, A Chula, O Jongo, A Capoeira e o Samba de Roda (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2006, p. 34.).

² BRASIL. *Constituição Política do Império do Brasil*. Carta de Lei de 25 de março de 1824.

³ BRASIL. *Código Criminal do Império do Brasil*. Lei de 16 de dezembro de 1830. Arts. 295 & 296 contidos no Capítulo IV “Vadios e Mendigos”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O termo samba é também polissêmico podendo significar lugar, dança e canção ao mesmo tempo, variando conforme o contexto em que é citado (LOPES, Nei & SIMAS, Luiz Antonio, 2015, p. 11). No senso comum, é normal que samba e carnaval sejam entendidos como sinônimos e como coisas totalmente imbricadas, mas isso foi um processo gradual, existia carnaval sem samba e vice-versa. O samba só mais tarde, a partir dos desfiles iniciados no fim da década de 1920, passará a ser considerado como um gênero síntese do carnaval.

Após o início da República, o estado brasileiro vivia um momento novo, de laicização depois de alguns séculos com uma influência política cristã de matriz católica mesclada ao governo, com um império declaradamente religioso. Para além da separação formal entre o estado e igreja, no marco temporal da presente pesquisa, essa divisão estava ainda no início de um gradual processo de consolidação, de maneira que não era incomum ver defensores saudosistas de um estado religioso.

Paralelamente, outras crenças além de não serem consideradas religiões por esses setores mais conservadores, acabavam por ser também coibidas de professar sua fé sob o rótulo de feitiçaria ou bruxaria. Havia um discurso moralizador forte que prezava pela manutenção de certos padrões de comportamento, as batucadas fugiam desse molde imposto, mas persistiam pela sua vitalidade no tecido social.

O samba pode ser entendido como um complexo cultural, como a já citada rede de sociabilidade que ia ganhando força na própria reconstrução comunitária desses grupos. Dessa forma, podemos compreender que essas bandas, ranchos e fanfarras como empreendimentos inventivos, ressignificando narrativas “oficiais” e negociando o tempo todo para sua sobrevivência.

Este momento também foi marcado por um grande debate nacional identitário, o surgimento de teses eugenistas que numa ótica determinista analisavam os problemas do país através de uma análise de sua miscigenação em discursos que negavam a cidadania a certos grupos, em sua maioria indivíduos com origens indígenas e africanas. Essas ideias circulavam nos meios acadêmicos e geravam debates entre cientistas, que acreditavam numa hierarquização através dos fenótipos. Na prática, isso reforçava um discurso

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

preconceituoso e que costumava preferir as manifestações afro-brasileiras, o samba e seu entorno por muito tempo foi tratado como algo pejorativo, perigoso ou inferior.

O MALHO

A revista *O Malho*, faz parte de um segmento de editoriais que surgiram em um momento de diversificação da imprensa, de aumento de quantidade dos veículos de informação que vão entrar no debate público político. Publicado semanalmente, surgiu em 1902, sendo fundado pelos caricaturistas Crispim de Amaral e Angelo Agostini, que nos seus primeiros anos tiveram como diretor artístico da revista, o jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva.

Nos seus primeiros anos, *O Malho* ficou conhecido como um periódico de crítica política com crônicas, sendo adjetivado pelo teor de suas publicações. Na capa de sua primeira edição se intitulava como um “semanário humorístico, artístico e literário”. O conteúdo presente se dividia em colunas com desenhos e textos curtos, crônicas mais longas, algumas caricaturas e charges. A ideia para o nome vinha da intenção de “malhar” a reputação das pessoas, uma expressão usada no sentido de deixar sem graça, desmoralizar com um tom irônico, os assuntos eram tratados com um tom sarcástico, principalmente quando sobre política.

Os temas eram em geral sobre a realidade urbana vivida na época, ao mesmo tempo que se tratava dos assuntos políticos emergentes da semana. Também se debatiam questões mundanas, cotidianas, uma de suas contribuições está nessa forma como publicou em suas páginas os costumes de sua época. *O Malho* seguindo as tendências da maioria dos seus concorrentes contemporâneos, adotou a forma de prensa com bobinas rotativas já três anos após o surgimento da revista.

As publicações eram marcadas por imagens e desenhos quase sempre juntos de textos curtos, havia essa proposta visual de interligar a escrita ao imagético. Este fator era parte fundamental da personalidade deste periódico, tanto para retratar algumas notícias mais factuais tanto nas colunas livres de opinião. O periódico também dedicava um considerável espaço para as propagandas, prática corrente na imprensa daquele momento.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Logo abaixo temos um exemplo dessas abordagens que a Revista fazia, utilizando um acontecimento político como assunto principal e de forma irônica. Já no ano de 1906, podemos notar a presença da palavra samba aparecendo nas edições, dessa vez sendo utilizado até com um sentido menos comum, usado como uma força de expressão em um diálogo político:

Trecho transcrito da capa O Malho 23/06/1906⁴

Cândido Rodrigues e David
Campista (explicando): - Já se sabe
que o senhor não quer a música do
convênio. Mas veja se lhe agrada
esta nova aria e... entre no **samba**

Rodrigues Alves:

- Franqueza, amigos; rôxo estou pra cair na maxixada...

⁴ O Malho 23/06/1906 O Ano V Edição nº 197 Pág 3/36 Ocorrência 13/698 Disponível em
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pasta=ano%20191&pesq=samba&pagfis=7495>> Acesso em 15/03/21

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Figura 1 – Samba usado como forma de expressão⁵



A capa faz alusão a um acordo realizado entre os governadores de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, representando o então presidente Rodrigues Alves se aproximando do convenio de Taubaté, que eram tentativas de políticas econômicas para rentabilizar a produção nacional cafeeira, que naquele momento competia com o mercado

⁵ O Malho 23/06/1906 O Ano V Edição nº 197 Pág 3/36 Ocorrência 13/698 Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pasta=ano%20191&pesq=samba&pagfis=7495>> Acesso em 15/03/21

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

externo. Interessante notar, que em um debate político, há uma alusão ao samba, usando a expressão “entre no samba”. Este uso nos remete a essa diversidade de aparições do termo, muitas vezes utilizado sem um sentido próprio apenas de música, gênero ou dança.

A reportagem faz um uso semântico do termo, de maneira que se torna uma forma de expressão, parecida com a expressão "acabou-se em pizza" quando nos referimos a dinâmicas corruptas atualmente. Esses sinônimos são múltiplos e giram em torno dos significados de confusão, encontro, trama e jogo político, nesse caso citado o cair no samba se referia a entrar na dinâmica política, no ritmo do acordo entre os grupos oligárquicos na manutenção de seus interesses.

Em 1910, a direção do jornal passa para Antônio Azeredo, que além de jornalista, já traçara desde 1890 uma carreira de político, foi eleito como deputado constituinte e alguns anos mais tarde senador. Ele vai ser um dos fundadores do Partido Republicano Conservador, junto com Pinheiro Machado, também senador. O político, que era uma pessoa com quem o fundador da revista possuía laços de amizade, exemplificou um curioso e conhecido caso em que mandou fazer e autografar um pandeiro para o famoso sambista João da Baiana, após saber que o músico tinha tido seu pandeiro apreendido pela polícia.

De modo geral, durante essa primeira década do século, é possível perceber um engajamento político-partidário nas publicações com maior frequência a partir dessa nova direção, ainda em 1910 na disputa presidencial entre Rui Barbosa e Hermes da Fonseca, o periódico apoiou fortemente a campanha do segundo, que foi eleito. Com os anos, essa relação política com a direção da revista gerou uma consternação pública⁶, alguns estudos apontam que o então diretor criticava veemente seus adversários através de suas páginas publicadas, agia em causa própria e não de maneira informativa.

Alguns anos depois, a partir de 1918 o periódico passa a ser dirigido pela dupla formada pelo chargista José Carlos Brito e o escritor Álvaro Moreira. Esse momento foi marcado por um aumento nas vendas das edições, com a popularidade em alta *O malho* se tornava uma das revistas de crítica política mais vendidas na Primeira

⁶ Brasil, CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação História Contemporânea do. «MALHO, O | CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil».

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

República. Passou a década de 1920 acompanhando as tendências modernistas e cada vez mais o samba, visto que há uma tendência de aumento dessas ocorrências no portal da Hemeroteca a partir desse período.

Politicamente, encerra esse período manifestando oposição a Aliança Liberal Getulista, *O Malho* se apresentava como imprensa livre, mas se envolveu ativamente nos debates políticos, chegando a ser censurado e fechado de forma temporária na eclosão dos movimentos armados de 1930. Posteriormente o periódico é reaberto e segue publicando em atividade até 1952, de modo geral sua trajetória é considerada como a de uma revista de longa duração.

Além dos já citados, o periódico em sua trajetória também contava com outros populares desenhistas e caricaturistas como Calixto Cordeiro, Alfredo Storni, Raul Pederneiras e Luis Peixoto. Uma das justificativas da escolha para o estudo de caso com *O Malho* foi sua proximidade e frequente contato com manifestações mais populares e costumes cariocas, esse constante interesse de representar os ares que a cidade respirava.

Foi assim como os outros jornais, um produto de sua época, e apresentou um número considerável de ocorrências sobre samba, essas citações se demonstraram variadas, e de maneira geral mais positivas do que as encontradas normalmente em outros jornais. *O Malho* não continha uma sessão de denúncias ou relatos onde casos de perseguição ao samba pudessem se inserir no roteiro, todavia também pode-se notar algumas ocorrências em que o samba é estereotipado e assimilado às classes pobres pejorativamente.

Se faz pertinente ressaltar também que existe um número considerável de ocorrências sobre samba nas revistas concorrentes da época como: A revista da Semana (1900-1959), Careta (1908-1960) e Fon-Fon (1907-1958). As revistas, tanto como jornais trazem um oceano de possibilidades dessas representações. Este periódico, apresentou um número considerável de ocorrências sobre samba, onde demonstrava uma tentativa de retratar seus dilemas de época de forma cômica.

Considerando a já citada centralidade política que o Rio de Janeiro carregava como Distrito Federal, a imprensa da cidade era também uma imprensa da capital,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

portanto estava dialogando para além das questões locais do rio. A maioria dos periódicos possuíam notícias frequentes de outros estados, colunas que debatiam sobre assuntos diversos, acontecimentos e costumes de outras regiões do Brasil. Ao abordar esses temas culturais uma hora ou outra referenciavam o samba e o carnaval, ou os dois de forma associada. Nesse nosso próximo exemplo mobilizado, publicado em 1911, podemos analisar as opções feitas pelos desenhistas.

Figura 2 – Samba apresentado na Bahia ao presidente Hermes da Fonseca⁷



⁷ O Malho 15/07/1911 Ano X Edição nº 461 Pág 1/54 Ocorrência 24/698 Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&Pesq=samba&pagfis=19241> Acesso em 13/03/2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A chegada da comitiva de Hermes da Fonseca na Bahia representada nessa capa dessa edição, com toda uma estrutura cerimonial, bandas militares e cúpula de políticos, param para referenciar a recepção feita pela baiana que chama a atenção por ser praticamente a única mulher de toda imagem. No diálogo presente na capa, a mulher declama uma poesia de recepção ao então presidente dizendo que havia feito um samba em sua homenagem.

Alguns estereótipos são engendrados criando uma imagem mística da personagem, mas ela é mobilizada pelos autores como um exemplo de cultura local, legitimada pelos símbolos identitários coletivos. Como se quem chegasse nessa terra viesse saudar ou fosse saudado pelo samba, um rito costumeiro. O samba aqui aparece como um elemento nacional aglutinador, sintetiza alguma essência desse ser brasileiro representado, as características ritualísticas, a escolha dos personagens e diálogos reforçam essa questão, já que há todo um cerimonial ritualístico realizado pela baiana e seu samba.

A recorrência dessas formas indica o vigor desses usos, essas escolhas acabam por referenciar a importância que essas manifestações locais tinham para com as autoridades oficiais, eram reconhecidas como elementos simbólicos importantes, a ponto de serem mobilizadas em discursos nessas revistas. Não é possível afirmar se esse encontro ocorreu de fato da forma como foi descrito, mas a regularidade dessas ocorrências demonstra como o samba já estava no imaginário antes como algo primeiramente brasileiro do que apenas carioca.

As revistas na época tanto quanto os jornais serviam como um espelho de época, como essas publicações eram feitas com uma frequência menor, *O Malho*, por exemplo era semanal, enquanto jornais de massa eram diários, isso muda o roteiro da produção da edição. Dos jornais diários se exigia a reportagem no calor do momento, a capa do fato no ato, as revistas levavam alguns dias para ficarem prontas e dessa maneira carregavam em si um condensado do decorrer dos dias, uma retrospectiva da semana.

Os periódicos, de modo geral, possuíam colunas sobre carnaval em que faziam ampla cobertura do andamento dos blocos, ranchos e agremiações, divulgando seus eventos e seus planos de enredo para os desfiles. Estas grades de notícias traziam também

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

as letras das músicas mais famosas do ano e até mesmo partituras, normalmente possuíam uma introdução que atualizava as etapas da competição e premiação

Todo esse burburinho e movimentação nesse universo de publicações emergentes, de competição em meio a uma demanda constante, fazia com que se buscasse estar sempre a frente, trazer algo de novo, de diferencial. Tentava-se fidelizar o leitor, manter contato, tratá-lo como um cliente. As bancas eram verdadeiros pontos de encontro, debatia-se o jornal, mesmo com a alta taxa de analfabetismo era possível ver pelas ruas pessoas lendo ou discutindo os assuntos, era forma que se tinha de comunicação pública escrita.

Mesmo que de forma desigual, o desenvolvimento tecnológico passa a se refletir de alguma forma nas ruas da cidade, a eletrificação iluminada nos postes, as linhas de bondes, os automóveis, o alargamento de antigas ruas. A construção da Avenida Central, atual Rio Branco, a partir de 1905 acabou por se tornar um dos núcleos desse projeto de embelezamento, uma zona totalmente comercial, de luxo e lazer que os governos buscavam sem muito sucesso ostentar, já que bastava alguns quarteirões para encontrar de volta com a realidade paupérrima em que viviam a maioria dos indivíduos.

Acereladas também por esse processo de desenvolvimento das mídias, as telecomunicações iam ser ramificando, as informações passavam a ser compartilhadas em uma velocidade maior do que antes. Esse processo acabava por influenciar diretamente o desenvolvimento da imprensa, catalisando o surgimento de diversos jornais menos tradicionais e informais, surgia todo um mercado mais diversificado. Como explicitado anteriormente, por mais que houvesse uma taxa alta de analfabetismo, esse mundo da leitura que emergia fez parte de certo senso comum, erigiu discursos, ergueu e destruiu reputações e com certeza manipulou de certa forma a opinião geral e os debates públicos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

*Figura 1 - Samba na Penha*⁸



Nesse caso e no seguinte, diferentemente das ilustrações apresentadas até aqui já são utilizadas fotografias em que podemos notar a presença de instrumentos percussivos como os pandeiros, a maioria dos presentes olha em direção a lente da câmera de forma concentrada e curiosa ou mesmo a posar para o retrato. Também chama atenção determinado padrão nas vestimentas que sinaliza a importância do evento para os presentes, era o dia de samba, momento de folga, festa e celebração, frente a uma dura realidade cotidiana.

A Festa da Penha era um desses elos entre manifestações mais formais e populares. Baseado num feriado cristão, havia uma tradicional missa feita no alto da Igreja da Penha, o bairro ficava em festa no dia, e embaixo se acumularam os grupos musicais que não tinham uma relação direta com o encontro cristão. Nas imediações do arraial, iam se juntando também barracas de comidas, bebidas, artesanato e vendas em geral, ao mesmo tempo que diversos grupos iam ensaiar suas cantorias e fazer apresentações públicas.

⁸ O Malho 18/10/1913 Ano XII Edição nº 579 Pág. 8/54 Ocorrência 27/698. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pasta=ano%20191&pesq=samba&pagfis=25723>> Acesso em 05/03/21

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Uma demonstração de como esses feriados religiosos oficiais eram usados por grupos paralelos como uma oportunidade de festejar ao seu modo, cultuando outras crenças e ao mesmo tempo produzindo um evento profano. Ainda em desenvolvimento na época, a fotografia era uma novidade que chamava atenção, sendo executada lentamente através dos mecanismos ainda não tão desenvolvidas. Ganhou cada vez mais espaços nos jornais e revistas, chamando a atenção pelo realismo inédito até então. Na seguinte fotografia, podemos notar as famosas pastoras que formavam o naipe vocal, acompanhadas de violões e pandeiros.

Figura 2- Grupo musical em samba na Festa da Penha⁹



CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que há uma ampla variedade de fontes disponíveis a serem estudadas sobre o tema quando utilizamos os meios de comunicação, o samba estava de fato presente nos debates do senso comum de época, era capa de jornal e revista, caso de polícia, inspiração de contos e crônicas, enfim participava do universo simbólico da

⁹ O malho /11/1910 Ano IX 05 Edição nº 425 Pág 42/52 Ocorrência 23/698 Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&Pesq=samba&pagfis=17436> Acesso em 18/03/2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

cidade. Associado como uma característica nacional, o gênero ganhava espaço nas mídias, mesmo que em sua origem estivesse calcado em tradições orais podemos investigar esses rastros feitos por observadores externos.

Encontrar essa notável quantidade de ocorrências sobre o assunto nos veículos de comunicação da época nos demonstra a vitalidade da presença dessa percepção. Mesmo que de modos diferentes, a palavra estava no léxico da época, seja como expressão, ritmo, local e música. Também pode-se identificar que a proximidade do samba com o carnaval acabou por aumentar seu aparecimento nos jornais e revistas, já que havia uma notável cobertura do carnaval carioca mesmo antes da virada do século XX, divulgação que foi se intensificando conforme o próprio desenvolvimento da imprensa.

Na tentativa de entender criticamente a posição desses veículos de informação, podemos considerar a força que o discurso de cada editor e redator teriam, criando uma parcialidade da notícia, variando para quando o escritor tinha afeição ou rejeição ao samba, pelo fato de identificarmos críticas pejorativas ao mesmo tempo que elogios ao samba na imprensa. Essa variação revela que o samba podia ser tanto criticado ou aclamado, dependendo de quem estava escrevendo a notícia. Concluimos também que o que temos ao analisar essas fontes é o discurso dos entrevistadores, cronistas e repórteres e não a própria imagem que o sambista tinha de si.

Durante certo tempo, e principalmente nessas primeiras décadas o samba ainda passava por seu primeiro grande ciclo de visibilidade no cenário nacional, visto que foi a partir da segunda década que esse processo aumentou exponencialmente. Mesmo assim, podemos nos deparar com grande parte de fontes que demonstram vivo diálogo entre essas formas culturais. Outra conclusão que podemos chegar ao analisar as fontes propostas é que os significados atribuídos ao samba eram múltiplos, oscilando entre desde singelas homenagens até denúncias policiais, compreendemos, portanto, que no marco temporal o gênero passava por um momento de intensa negociação dentro dos setores da sociedade, ainda consolidando a fase da oficialização das primeiras escolas de samba cariocas.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

De uma forma ou de outra, tanto as revistas ilustradas quanto os jornais de notícias acabam por citar o samba reforçando a nossa hipótese da proficuidade dessas fontes para revelar alguns indicativos do imaginário de época. É a partir de 1930 que o samba vai ganhar uma repercussão nacional enquanto gênero síntese de uma cultura brasileira.

Não é possível trazer todas essas representações apenas num artigo, de modo que pesquisas que utilizem outros jornais e revistas podem chegar a resultados diferentes. O samba acabava por ser o elo entre esses grupos, o elemento fundador que os protegia e unia enquanto grupos sociais, eram mais fortes juntos do que separados, a roda de samba entendida como um elemento comunitário que servia pra reconstruir os laços sociais afetados pela diáspora africana, comunidades que posteriormente nas décadas de 1920 e 1930 serão materializadas nas escolas de samba.

Referências:

1.1 Fontes:

Fontes primárias utilizadas:

Revista de publicação semanal no Rio de Janeiro: *O malho* entre os anos 1906-1915

Jornais de publicação diária no Rio de Janeiro: *Correio da Manhã*, *O Paiz* e *Gazeta de Notícias* entre os anos de 1906 e 1915,

1.2 Referências Bibliográficas:

BRASIL. *Código Criminal do Império do Brazil*. Lei de 16 de dezembro de 1830. Arts. 295 & 296, Capítulo IV, “Vadios e Mendigos”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-16-12-1830.htm> Acesso em: 20/11/2019.

_____. *Código Penal de 1890*. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 25/11/2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CANDEIA FILHO, Antonio; ARAUJO, Isnard. *Escola de samba: árvore que esqueceu a raiz* /. Rio de Janeiro: Lidador, 1978.

CANTARELA, Leticia Matheus. *O Leitor e o Cotidiano na História do Jornalismo*. Revista Eletrônica do PPG em Mídia e Cotidiano Número 1 janeiro/abril, UFF, 2013.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados*. São Paulo: Companhia das Letras,

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Dossiê das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: Samba de Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba Enredo*. Rio de Janeiro, 2006

LOPES, Antonio Herculano (Org.). *Entre Europa e África: a invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

LOPES, Nei & SIMAS, Luiz Antonio. *"Dicionário da história social do samba"* - 1. Ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MOURA, Roberto M. *No princípio, era a roda: um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

NAPOLITANO, M.; WASSERMAN, M. C. *Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira*. Revista Brasileira de História. São Paulo: v.20, n.39, p.167-189, 2000

ROCHA, Agenor Miranda. *As nações Kêtu: origens, ritos e crenças: os candomblés antigos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000

ROMAO, Tito Lívio Cruz. *Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução*. Trabalho linguístico, Campinas, v. 57, n. 1, p. 353-381, abril 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132018000100353&lng=en&nrm=iso> Acesso em 08/10/2020.

SANDRONI, Carlos. *Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, UFRJ.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos* — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 140-143

SEPÚLVEDA, Myrian dos Santos. *"A prisão dos ébrios, capoeiras, e vagabundos no início da Era Republicana"* TOPOI, v. 5, n. 8, jan.- jun. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v5n8/2237-101X-topoi-5-08-00138.pdf>> Acesso 15/10/2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SERAFIM, Jhonata Goulart; AZEREDO, Jeferson Luiz de. *A (des) criminalização da cultura negra nos Códigos de 1890 e 1940*. Revista do curso de direito amicus curiae, Santa Catarina, v. 6, f. 6, 2009. Disponível em: <periodicos.unesc.net/amicus/article/view/541> Acesso em: 14/05/ 2019.